



**O DESCOMPASSO DO CAPITAL: CONSIDERAÇÕES SOBRE A  
TEORIA DAS CRISES EM MARX**

**Jéssica da Conceição Silva<sup>1</sup>, Michael Fernandes de Souza Alves<sup>2</sup>,  
Ana Leydi Silva Holanda<sup>3</sup>, Cícera Jakeline da Silva<sup>4</sup>, Jackson Rayron  
Monteiro<sup>5</sup>**

**Resumo:** O presente trabalho objetiva compreender os aspectos das crises na perceptiva de Marx, tratando-se de uma abordagem subjetiva e fazendo uma breve análise do capital, assim, discorreremos sobre o seu surgimento, no qual as crises demonstram os vestígios constantes da particularidade das contradições entre os avanços das forças produtivas do trabalho social, das relações sociais de produção e dos arranjos capitalistas. Para tanto, fizemos uso da metodologia da pesquisa bibliográfica, através de livros, resumos e trabalhos que abordam essa mesma perceptiva. Como resultado, observou-se que as possibilidades de crise do modo de produção capitalista avançam à medida que o capital se desenvolve e aprofunda os seus mecanismos de acumulação. Desse modo, não coloca-se como causa da crise nem o dinheiro nem as formas do capital, mas o próprio capital no seu movimento de valorização.

**Palavras-chave:** Teoria das crises. Marx. Capitalismo.

## 1. Introdução

A teoria de Marx (2013), mesmo em sua completude, no momento que analisa o capital em geral – pois trata-se de uma teoria que alude à sociedade capitalista – as crises refletem os indícios constantes e imprescindíveis da minúcia das contradições entre os avanços das forças produtivas do trabalho social e das relações sociais de produção e arranjos capitalistas, designando as linhas para o desenvolvimento da produção capitalista, apontando sua seriedade como modo de produção historicamente determinado e perpassado pela instabilidade (FINE; SAAD FILHO, 2021)

Na obra *Estrutura e Gênese do Capital de Karl Marx* Rosdolsky (2007) observa que, segundo os *Grundrisse* de Marx (2013), o tema das crises capitalistas estaria contemplado em um livro separado dos demais – isso no plano original da obra. Todavia, a análise de Marx (2013) sobre o modo de produção capitalista passou a se circunscrever aos três livros, sendo eles *O Processo de Produção do Capital* (Livro I); *O Processo de Circulação do Capital* (Livro II); e *O Processo Global da Produção Capitalista* (Livro III), cada qual apresentando o capital em diferentes níveis de abstração que trazem em si as possibilidades da crise do

<sup>1</sup> Universidade Regional do Cariri, email: [jessica.silva@urca.br](mailto:jessica.silva@urca.br)

<sup>2</sup> Universidade Regional do Cariri, email: [michael.fernandes@urca.br](mailto:michael.fernandes@urca.br)

<sup>3</sup> Universidade Regional do Cariri, email: [analeidy.holanda@urca.br](mailto:analeidy.holanda@urca.br)

<sup>4</sup> Universidade Regional do Cariri, email: [jakeline.silva@urca.br](mailto:jakeline.silva@urca.br)

<sup>5</sup> Universidade Regional do Cariri, email: [jackson.monteiro@urca.br](mailto:jackson.monteiro@urca.br)

# VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

## Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



capital.

Desse modo, pode-se definir a crise econômica no capitalismo como o descompasso entre a produção do capital e a sua realização – que se manifesta na forma monetária – no final dos seus ciclos. Ao fluir sem obstruções, o ciclo do capital consegue atingir o seu fim precípua: a transformação do dinheiro em capital. No entanto, o processo de valorização do capital que se intensifica nas mais diversas formas (crescimento da composição orgânica, produção de mais-valor extra e mais-valor relativo) impõe sobre o capital possibilidades de obstruções para com a realização desse capital no final do processo. Sendo assim, o capitalismo tem diante de si uma contradição: o imperativo da valorização para se manter como massa riqueza em movimento e os limites da realização dessa riqueza na forma monetária mediante a confirmação do caráter social dessa produção, o que posiciona a crise como uma característica intrínseca ao modo de produção capitalista.

## 2. Objetivo

O presente trabalho tem como objetivo geral apontar considerações sobre a teoria das crises em Marx conforme estas se apresentam na sua *Magnum Opus* O Capital. Como objetivos específicos, busca-se apresentar, ainda que de forma sucinta, o mecanismo da crise de superprodução, da crise de sobreacumulação e o papel das formas autonomizadas do capital (capital comercial, capital portador de juros e capital fictício) como catalizadoras da acumulação e também do descompasso entre a produção e a realização do capital.

## 3. Metodologia

O presente trabalho é uma revisão bibliográfica sobre a teoria das crises econômicas capitalistas em Marx, tema que se encontra difundido em toda a extensão da sua obra O Capital. Para tanto, usou-se como fonte de pesquisa os textos de Marx (2013; 2016) onde são apresentadas as principais determinações da produção capitalista de mercadorias; o texto de Fine e Saad Filho (2021) que apresenta, ainda que de forma sintética, as categorias da análise de Marx; a obra de Rosdolsky (2007) que apresenta e discute a estrutura d'O Capital em sua plenitude, dentre outros.

## 4. Resultados

Nos marcos da sociedade de mercantil, onde a divisão social do trabalho se encontra em significativo nível de desenvolvimento e a troca dos produtos do trabalho aparece como um imperativo para com o escoamento do excedente econômico e também no que se refere à distribuição da produção social, a crise enquanto descompasso das possibilidades de troca se coloca pela primeira vez – ainda formalmente possível. Nesse sentido, a troca de uma mercadoria A por uma mercadoria B ( $M_A - M_B$ ) pode ou não ocorrer dada a disposição dos produtores individuais em realizar a permuta. Negada a possibilidade de troca ou de absorção da mercadoria A – o que significa a negação do caráter social dessa mercadoria –

# VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

## Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



a mesma será obrigada a sair de circulação não pela aceitação do seu valor de uso, mas pela sua negação e impossibilidade de realização do seu valor de troca e, conseqüentemente, da sua valorização: é a crise enquanto descompasso entre a produção e a realização do valor das mercadorias.

Com maior aprofundamento da divisão social do trabalho e o engendramento de novas formas de manifestação do valor das mercadorias – expressão do valor das mercadorias em outras – sendo elas a *forma simples*, *forma desenvolvida* e *forma geral do valor* conforme Marx (2013) apresenta no capítulo I do Livro I d'O Capital, a forma dinheiro (D) – equivalente geral de todas as mercadorias e seu principal valor de uso – surge enquanto mediador das trocas dos produtos do trabalho social. Desse modo, ao participar e ser condição fundamental para a realização das trocas, o dinheiro amplia as possibilidades de descompasso entre a produção e a realização dos valores quando se considera a possibilidade de sua retirada da circulação (COGGIOLA, 2021).

Ao apresentar o dinheiro enquanto uma forma social que se potencializa no modo de produção capitalista, Marx (2013) elenca as suas funções em: *a*) medida de valor, facilitando a expressão do valor as mercadorias em uma única; *b*) meio de circulação, facilitando as trocas; *c*) meio de pagamento, permitindo a realização de contratos a termo que são saldados em dinheiro futuramente; e *d*) meio de entesouramento, sendo o dinheiro uma forma de resguardar riqueza ao longo do tempo tirando-o de circulação. Dessas funções, as duas primeiras pressupõem o funcionamento do dinheiro na circulação de mercadorias enquanto medida de valor e meio de circulação – funções indispensáveis para o funcionamento da produção capitalista de mercadorias – onde as mercadorias (M) passam a ser trocadas mediadas pelo dinheiro (D) na forma M – D – M. A função de meio de pagamento, por sua vez, pressupõe a troca de mercadorias sem o dinheiro, lançando para o futuro a sua inserção no processo. Desse modo, havendo qualquer imprevisto quanto ao pagamento dos contratos, a ausência do dinheiro interrompe decisivamente o fluxo de mercadorias, impondo sobre a sociedade de trocas os seus próprios descompassos. Por fim, enquanto possibilidade de entesouramento, o dinheiro pode sair da circulação de mercadorias, impedindo a absorção da produção – dando mais uma forma à crise (COGGIOLA, 2021).

Funcionado o dinheiro como capital, diante da sistematização de Marx sobre o movimento da rotação, existem alguns aspectos que deveriam compor uma sistematização da teoria das crises, no qual chamamos de crise de *superprodução*, de *sobreacumulação* e a crise nas finanças, sendo a última podendo ser descrita como crise *financeira*.

A primeira, crise de superprodução, é uma das mais notáveis quando aludimos o pensamento de Marx, à medida em que gera um choque direto entre a produção capitalista e a capacidade que a sociedade tem de realizar ou absorver essa produção. Segundo Fine e Saad Filho (2021) caso outro circuito se rompa por qualquer razão, os trabalhadores, os capitalistas ou outros deixaram de receber seus fluxos regulares de renda e, conseqüentemente, não poderão realizar seus gastos habituais. Se esse problema se generalizar, ter-se-á uma crise de sobreprodução (ou, de outro ponto de vista, de sobconsumo). Daqui, derivaram-se teses para expor de outro modo o mesmo problema, como por exemplo a crise de

# VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

## Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



sobreacumulação, na qual o excesso de capitais que não conseguem ser utilizados nem no sistema produtivo e nem no âmbito financeiro, tornam-se ineficientes e podem até se desvalorizar com celeridade, seja na forma de fábricas, de dinheiro ou em outros capitais ligados ao capital produtivo que não se encontrem em operações. É respaldada pela teoria de sobreacumulação que se sustenta, ainda que equivocadamente, nos esquemas de reprodução constantes no capítulo XVIII do Livro III d'O Capital de Marx (2013) que Rosa Luxemburgo (1983) desenvolve em seu reconhecido trabalho *A Acumulação do Capital* a sua elucubração sobre a necessidade do *Imperialismo* para a manutenção do modo de produção de produção capitalista – já que, para Luxemburgo (1983), é a sobreacumulação de capital cerificada no departamento de produção de meios de produção quem impele os capitais organizados em blocos monopólicos a pressionarem os seus Estados Nacionais por novos campos de valorização, de preferência regiões onde o modo de produção capitalista não é dominante.

Essas duas crises – superprodução e sobreacumulação – se unem por uma rota em reduzir a parte variável do capital, que resulta na produção cada vez maior de mercadorias e acúmulo de capital, isto é promovendo crescente produção de riqueza enquanto ignora-se o seu caráter social. Portanto, segundo Fine e Saad Filho (2021) o capitalismo sempre tende a ser instável e suscetível a crises. As crises eclodem quando a produção se desenvolve além das possibilidades de realização dos lucros – sendo essa taxa o seu limite de acumulação. Isso pode ocorrer por várias razões, e o que importa para explicação de cada crise é como a sua causa subjacente à subordinação da produção de valores de uso à produção de mais-valor se manifesta através das desproporcionalidades, da sobreprodução, do subconsumo, da sobreacumulação ou da queda da taxa de lucro.

A segunda teoria, portanto, quando relacionamos as teses fundamentais de Marx sobre o capital portador de juros e do sistema de crédito com os avanços posteriores, podemos articular dois planos da chamada *crise financeira*. Num primeiro sentido, essa crise pode ser encarada como a mais agressiva no sistema capitalista, pois ela concerne a um terceiro nível de crise, ou seja, que engloba a superprodução e/ou sobreacumulação, mas afeta combinadamente o sistema bancário e industrial, pois devora completamente uma soma importante de capitais que inviabilizam as “manobras financeiras”, a redistribuição da crise em outros setores, distribuição e queima de capitais e inclusive os elementos de coordenação para a resposta, como expõe FINE; SAAD FILHO (2021, p. 103):

[...] Rupturas em circuitos particulares do capital ocorrerão com frequência, dadas a anarquia da produção capitalista, as flutuações do preço de mercado, as perturbações no comércio internacional, os caprichos do sistema de crédito, a especulação financeira e de outros tipos, a monopolização e a absolescência do capital fixo que resultam do progresso tecnológico, e assim por diante. Ocasionalmente, esses eventos serão suficientemente importantes para gerar uma crise, cuja extensão dependerá dos padrões de ruptura e, subsequentemente, dos ajustes na reprodução econômica.

Ainda nessa exposição, Marx (2013) levanta no Livro III d'O Capital a apresentação de formas do capital que não precisam mais passar pela produção

# VII SEMANA UNIVERSITÁRIA DA URCA – XXV

## Semana de Iniciação Científica da URCA e VIII Semana de Extensão da URCA

12 a 16 de dezembro de 2022

Tema: “DIVULGAÇÃO CIENTÍFICA, INDEPENDÊNCIA E SOBERANIA NACIONAL”



para se valorizarem, mas que dependem da produção de valor da esfera produtiva para garantirem a sua valorização, sendo elas a) o capital de comércio de mercadorias e de dinheiro, forma que se autonomiza da produção e realiza apenas a compra e a venda de mercadorias; b) capital portador de juros, que vende o capital enquanto mercadoria (mercadoria-capital) e retira o seu rendimento do capital produtivo; e c) o capital fictício, que se capitaliza (se forma enquanto capital) a partir da mercantilização do seu rendimento futuro. Conhecidas como formas autonomizadas, essas formas de capital tem, em certa medida, um funcionamento independente da produção de mercadorias – valores de uso e conteúdo do valor – e passam a se valorizar por novos mecanismos que promovem o seu agigantamento descolado da produção real de mercadorias, uma acumulação de capital sem lastro na produção de riqueza. Tal descompasso evidencia que o processo de acumulação de capital ao ampliar as suas possibilidades rompe os seus limites reais de valorização, sendo esse rompimento a manifestação mais íntima da crise capitalista e fazendo dela um resultado inalienável do modo de produção capitalista de mercadorias.

### 5. Conclusão

Desse modo, infere-se que as possibilidades de crise do modo de produção capitalista avançam à medida que o capital se desenvolve e aprofunda os seus mecanismos de acumulação. Ademais, a realização das trocas comerciais e o advento da forma dinheiro com as suas mais diversas funções ampliam, ainda na sociedade mercantil simples (M – D – M) as possibilidades da crise enquanto descompasso entre produção e circulação do capital. Assim, não coloca-se como causa da crise nem o dinheiro nem as formas do capital, mas o próprio capital no seu movimento de valorização.

### 6. Agradecimentos

A presente pesquisa contou com o apoio indispensável da Universidade Regional do Cariri (URCA) e também do Fundo Estadual de Combate à Pobreza (FECOP), instituições sobre as quais se estendem o nosso agradecimento.

### 7. Referências

COGGIOLA, Osvaldo. **Teoria economica marxista: uma introdução** -2. Ed. – São Paulo: Boitempo, 2021.

FINE, Bem; SAAD FILHO, Alfredo, “**O Capital**” de Marx. São Paulo: Contracorrente, 2021.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política** . vol. II. São Paulo: boitempo, 2013.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política** . vol. III. São Paulo: Boitempo, 2013.

MARX, K. **O Capital: Crítica da Economia Política**. vol. I. São Paulo: Boitempo, 2013.